

Discurso Sobre o Fim em Redes de Dizeres Literárias Midiáticas e Digitais: Uma Análise Discursiva

Discourse on the End in Networks of Literary, Media and Digital Sayings: A Discursive Analysis

Damião Francisco Boucher¹

Universidade Federal do Tocantins

Thiago Barbosa Soares²

Universidade Federal do Tocantins

Resumo: Este artigo investiga a materialização e circulação do discurso sobre o “fim” em redes de dizeres literárias, midiáticas e filmicas. O objetivo é analisar o discurso escatológico e compreender não só como as formações imaginárias sustentam a ideia do fim, mas também quais mecanismos discursivos operam na perpetuação dessa ideologia, projetando-a como um acontecimento cíclico. Para tal, a partir da Análise do Discurso de base materialista, mobilizam-se noções como discurso, formações ideológicas, formações discursivas, formações imaginárias, interdiscurso e intradiscurso. O corpus de análise abrange o título literário *Ideias para adiar o fim do mundo*, de Ailton Krenak e dizeres midiáticos como da revista *Exame*, “Cientistas devem acertar ‘Relógio do Apocalipse’ na sexta-feira”. Os resultados indicam que o discurso do fim não é uma mera especulação, mas uma complexa construção simbólica que reflete e refrata medos e esperanças, perpetuando-se através da constante remissão a dizeres anteriores e da ressignificação em diferentes materialidades, consolidando a ideia de um fim paradoxalmente constante e cíclico.

Palavras-chave: Fim; Discurso; Análise do Discurso; Imaginário; Mídia.

Abstract: This article investigates the materialization and circulation of discourse about the “end” in literary, media, and filmic discourse networks. The objective is to analyze eschatological discourse and understand not only how imaginary formations sustain the idea of the end, but also which discursive mechanisms operate to perpetuate this ideology, projecting it

¹ Graduado em Letras, português/inglês, pela Universidade Federal do Tocantins (2012); especialização em Análise do Discurso Político e Jurídico (2018) e em Psicologia Analítica – Perspectiva Multidisciplinar, pela Faculdade Unyleya, Rio de Janeiro (2019); Mestrado em Letras, com ênfase em Análise do Discurso, pela Universidade Federal do Tocantins (2021); Doutorando em Letras pela Universidade Federal do Tocantins (UFT) e membro pesquisador do Grupo de Estudo de Análise do Discurso (GES-TADI – UFT). Professor do quadro temporário da Universidade Federal do Tocantins (UFT). *E-mail:* boucherplace@gmail.com.

² Doutor em Linguística pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Professor adjunto no curso de Letras e no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Tocantins (UFT). Pesquisador bolsista de produtividade do CNPq. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8919327601287308>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2887-1302>. Email: thiago.soares@mail.uft.edu.br.

as a cyclical event. To this end, based on materialist-based Discourse Analysis, concepts such as discourse, ideological formations, discursive formations, imaginary formations, interdiscourse, and intradiscourse are mobilized. The corpus of analysis includes the literary title *Ideas to Postpone the End of the World* by Ailton Krenak and media statements such as the one from *Exame* magazine, “Scientists Must Set the ‘Apocalypse Clock’ on Friday.” The results indicate that the discourse of the end is not mere speculation, but a complex symbolic construction that reflects and refracts fears and hopes, perpetuating itself through the constant reference to previous sayings and the resignification in different materialities, consolidating the idea of a paradoxically constant and cyclical end.

Keywords: End; Discourse; Discourse Analysis; Imaginary; Media.

Submetido em 12 de março de 2026.

Aprovado em 28 de abril de 2026.

Considerações Iniciais

A ideia do “fim” constitui um tema recorrente e complexo na história da humanidade, manifestando-se em diversas esferas do pensamento e da cultura, desde as narrativas míticas e religiosas até as produções artísticas e midiáticas contemporâneas (Araújo; Almeida; Beccari, 2023). Longe de se esgotar em uma concepção linear de término, a ideologia do “fim” desdobra-se em um complexo emaranhado de construções simbólicas (que projetam futuros possíveis), muitas vezes impulsionadas por um medo iminente da finitude ou da catástrofe. Fomentado sobretudo pela religião e pelos dizeres bíblicos em dado período da história da humanidade, o discurso sobre fim se apresenta como um reflexo das relações de força, bem como consequência da luta de classes (Pêcheux, 1997). Por sua vez, tais relações de força determinam as posições daqueles que têm o direito de versar sobre o fim e, por conseguinte, dos que passivamente se alimentam desse medo.

Dessa maneira, os discursos sobre o “fim” se manifestam não como um evento puramente objetivo, mas como “um acontecimento” (Soares, 2025a, p. 115), ou seja, uma construção discursiva, histórica e constituída por efeitos de verdade, os quais se apresentam como a essência da realidade, vertendo-se “no desejo e no poder” (Boucher; Soares, 2023, p. 3). Esses sentidos emergem e se propagam a partir de instituições do campo científico, midiático e religioso. Sobre este último, paira o imaginário do fim como um evento transcendental. Já sobre a mídia, outro campo arquipotente na produção de sentidos, Soares (2025b, p. 155) assevera que “as produções midiáticas ganharam um papel preponderante na formação de medos, de comportamentos e de,

para simplificar, um conjunto de visões de mundo”. De acordo com Araújo (2023), o discurso escatológico, como uma das várias visões de mundo, tem sido um instrumento religioso propagado sobretudo pela vertente religiosa cristã, ganhando força no ocidente a partir da difusão do fim como “um castigo dos Seres divinos” (Araújo, 2023, p. 51).

Nesse sentido, este artigo propõe investigar a materialização e a circulação do discurso sobre o fim em distintas redes de dizeres — literárias e midiáticas — a partir de uma perspectiva da Análise do Discurso de base materialista. Nosso objetivo é analisar como as formações imaginárias sustentam essa temática e quais mecanismos discursivos operam na perpetuação da ideia do fim enquanto um efeito de verdade cíclico e profundamente enraizado nas formações imaginárias da sociedade, atravessando a historicidade e ressignificando-se em diferentes materialidades.

1. Considerações Teórico-Metodológicas

A Análise do Discurso de base materialista (doravante AD), proposta por Michel Pêcheux (1997) e desenvolvida por seus contemporâneos, emerge como um campo de investigação que busca romper com concepções tradicionais da linguagem e do sentido (Soares, 2025a). Conforme Pêcheux (1997), o discurso não é uma mera transparência da linguagem, mas um efeito de sentido produzido em condições históricas específicas (Soares, 2018a), no qual a ideologia atua na constituição do sujeito e do próprio sentido. De outro modo, Pêcheux (1997, p. 92) define discurso como “efeitos de sentido entre os pontos A e B”. É a partir dessa noção aparentemente automática que se percebe como a língua não é neutra, como os dizeres de cada sujeito são determinados por relações de força cujo funcionamento é estabelecer tanto as posições (discursivas) quanto os lugares (empíricos) dos interlocutores em dada interação (Orlandi, 2015). De outro modo:

O discurso é considerado uma prática social dinâmica, não apenas como uma expressão individual, exprimindo ideologias, relações sociais, identidades e estrutura de dominação, de modo que examiná-lo significa descrever e interpretar como é construído, reproduzido e contestado através da linguagem em seu funcionamento coletivo (Soares, 2025a, p. 140).

Assim, longe de ser somente um item lexical, um texto (Soares, 2018b), o discurso, em variados campos do saber, atua como a materialidade sutil que molda sujeitos, sentidos e espacialidades a partir de seus efeitos e não por meio de um sistema linguístico fechado como outrora se acreditava (Pêcheux, 1997). Em dado conjunto de projeções, esses feitos de sentidos põem em manutenção a própria realidade do que é

dito, produzido e construído na sociedade, atuam ainda como elementos históricos constitutivos dos sentidos daquilo que se diz aqui e agora. Isto é, dos sentidos que emergem na atualidade. Assim, de acordo com Orlandi (2015), há sempre uma relação de sentido existente entre o já-dito e o dizível. Dessa forma, é a partir do entendimento da relação do interdiscurso com o intradiscurso, ou seja, da indissociabilidade entre o campo da constituição dos sentidos e do âmbito da formulação parafrástica respectivamente (Soares, 2018a), que se percebe o discurso, ou melhor, dada sequência discursiva como um prolongamento histórico; não linear e com rupturas espaço-temporais as quais produzem a ilusão do novo naquilo que é dito na atualidade enunciativa, isto é, em dada sequência discursiva.

A respeito da noção de “sequências discursivas” (doravante SD), para Courtine (2022), esta não é simplesmente uma sequência de frases. A SD é um conjunto de enunciados que compartilham uma mesma “formação discursiva”, ou seja, os quais são produzidos a partir de um mesmo sistema de regras e posições ideológicas (Pêcheux; Fuchs, 1997). De acordo com Soares (2025a, p. 138), esses conjuntos de “práticas discursivas que compartilham uma mesma lógica e são governados por regras específicas” estabelecem, ou melhor, determinam os sentidos de cada elemento linguístico e não o sistema linguístico por si que, nessa perspectiva, torna-se semiautônomo (Orlandi, 2015). Assim, por meio da análise das SDs, possibilita-se não só o entendimento dos sentidos engendrados em certos enunciados, mas também a percepção do funcionamento das projeções discursivas, as quais compõem o imaginário social.

Nessa abordagem discursiva, a noção de formações imaginárias é crucial para se compreender como os sentidos relativamente se sustentam na historicidade, mas também como estes se deslocam e se deslizam quando tais formações imaginárias são transformadas por meio de rupturas e deslocamentos de sentidos mediante condições de produção específicas, ou seja, “ao conjunto de determinações históricas, ideológicas e sociais que possibilitam a emergência de um discurso em um dado momento” (Soares, 2025c, p. 158). Elas se referem às imagens que os sujeitos (interlocutores) constroem um do outro, do seu próprio lugar e do referente do discurso (Pêcheux, 1997). Desse ponto é que se compreende que dadas posições permitem o dizer em certas condições de produção, causando o efeito de hierarquia, na qual se estabelece a posição do mando e

da obediência (Orlandi, 2015). De outro modo, são essas projeções que sustentam as posições discursivas e ritualizam o dizer em um dado espaço-tempo (Pêcheux, 1997).

Por essa razão, como ratifica Soares (2025a, p. 142) “a formação imaginária envolve a construção de identidades, desejos e percepções por meio de representações simbólicas [...]”. Portanto, ao considerar as condições de produção do discurso sobre o fim, compreende-se que as formações imaginárias operam na construção de cenários apocalípticos, na figuração de heróis e vilões, e na projeção de reações sociais diante da iminência de uma catástrofe, situando aqueles sujeitos que podem exercer maior força discursiva para enunciar “o fim”. De outra maneira, compreende-se que a partir das formações imaginárias, o sujeito se torna efeito dessas projeções discursivas e, por conseguinte, “seu assujeitamento é, de certa forma, uma aderência aos sentidos que se acreditam corretos e estáveis” (Soares, 2018a, p. 119).

Consequentemente a noção de formações discursivas (doravante FDs) é intrínseca às formações imaginárias (Soares, 2025a). Uma formação discursiva é o que determina “o que pode e deve ser dito” a partir de uma dada posição em uma conjuntura sócio-histórica (Pêcheux, 1997). Ela delimita o campo do dizível, estabelecendo as regularidades e as restrições na produção de sentidos. A título de exemplificação dos limites de cada FD, Soares (2019, p. 47) destaca que “em geral, podemos perceber as FDs, para Pêcheux, como posicionadas em complexos de FDs relacionadas, referidas como interdiscurso e os significados específicos de uma FD são determinados pelo exterior em sua relação com o interdiscurso”. No caso do fim, diferentes FDs (religiosa, em suas várias ramificações, científica, ficcional etc.) coexistem e se interpenetram, cada uma com suas especificidades e seus modos de enunciar a temática.

Apesar dos sentidos de “fim” ou de “fim do mundo” serem similares nas diversas FDs sobre o fim, não são homogêneas, demonstrando o caráter heterogêneo e antagônico destas (Courtine, 2022). Como exemplo, nas formações imaginárias da escatologia cristã o fim tem conotação metafísica e na escatologia científica o fim se apresenta como uma consequência da ação humana. Assim, ambas as formações discursivas configuram seu conjunto de léxicos, elementos linguísticos, enunciados que direcionam para um sentido e não outro (Orlandi, 2015), delimitando, dessa forma, os limites do complexo de formações discursivas. “referidas como interdiscurso” (Soares, 2019, p. 47). Por fim, entende-se que os sentidos de uma dada FD são sempre retroalimentados, sempre postos em manutenção por já-ditos, por memórias discursivas

que representam os mesmos conjuntos de formações ideológicas em uma exterioridade em relação ao que é dito no campo da formulação enunciativa.

Por esse motivo, o interdiscurso, ou melhor, o conjunto de discursos (e de FDs) que precedem e atravessam o discurso em análise (Courtine, 2022), como já mencionado, permite que os dizeres da atualidade se filiem a discursos anteriores, ressignificando-os, confrontando-os ou silenciando-os (Orlandi, 2015). Dessa forma, a ideia do fim é um exemplo paradigmático de interdiscurso, pois se nutre de uma vasta memória de narrativas apocalípticas milenares (Araújo, 2023). Diante dessa constatação, entende-se que intradiscurso diz respeito à organização interna dos dizeres em uma sequência discursiva (Courtine, 2022); à forma como as palavras se encadeiam e os argumentos se estruturam dentro de um mesmo enunciado ou texto. Após essas considerações, na próxima seção, ao analisar as materialidades discursivas, será verificado como esses conceitos operam na construção dos sentidos sobre o fim, permitindo a observação das continuidades e das rupturas das FDs nos modos de dizer e, conseqüentemente, em seus sentidos.

2. Análise: o fim nas materialidades discursivas literárias e midiáticas

Como visto, a ideia do “fim” não é apenas um conceito abstrato, mas uma materialidade discursiva. É pensamento materializado pela língua e difundido por sujeitos através da história e que se manifesta concretamente em textos, imagens e sons, compondo as memórias discursivas que sustentam e retroalimentam essa noção. De outro modo, como sustenta Soares (2025c, p. 159), “cada enunciado carrega as marcas históricas das lutas simbólicas e materiais que o possibilitaram”. Assim, o objeto a ser analisado é um corpus heterogêneo, atravessado por sentidos históricos, constituído por discursos dos campos literário e midiático, demonstrando a ramificação e a ressignificação do discurso escatológico. Apesar de serem utilizadas algumas imagens, serão considerados somente os títulos e dizeres que versem sobre os sentidos de fim, sendo considerado como SD (Courtine, 2022).

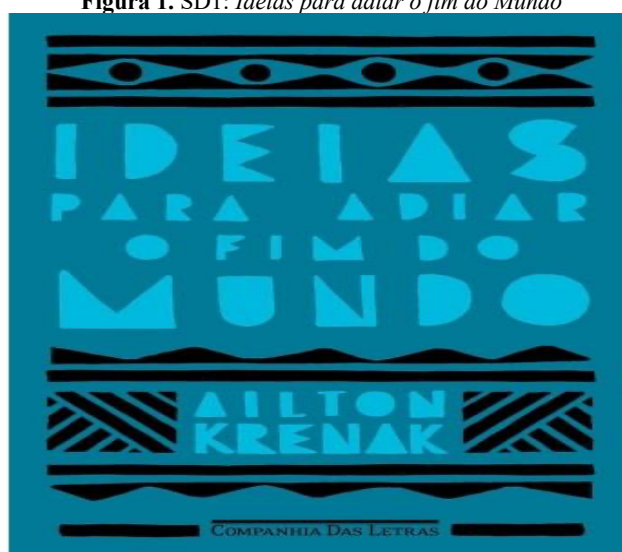
A princípio, serão verificados a configuração e estruturação sintagmática na construção dos enunciados e como estes se organizam para reverberar a ideia de fim. Em um segundo momento, a fim de perceber a subjetividade e polissemia dos sentidos, serão examinados os elementos que constituem as formações imaginárias de cada materialidade discursiva. Por fim, serão verificadas as fronteiras que constituem e

delimitam cada FD apresentada. Para uma melhor didatização, a análise será dividida por campos de saberes literário e midiático. Após essas considerações, passa-se ao exame da primeira materialidade.

A literatura, em suas diversas vertentes, tem sido um terreno fértil para a exploração da temática do fim. Nesse campo, há o imaginário de que a literatura imita a vida e, por conseguinte, representa o reflexo da realidade. Como um reflexo, a literatura projeta o medo da sociedade em relação ao futuro. Dessa forma, assim como ratifica Soares (2018a, p. 139), “desde os primórdios, com Homero, a literatura desempenha papel fundamental para a formação social, cultural linguística, filosófica e histórica de um povo”, porquanto seu uso dialógico associa as projeções imaginárias às condições reais de produção, produzindo um efeito de realidade na qual a fronteira entre o real e o imaginário se confunde. Por essa razão, assim como Soares assevera, chega-se “ao ponto de considerar a obra literária e, portanto, a literatura, como sendo influenciada pelo meio em que é produzida” (Soares, 2018a, p. 140).

Nesse sentido, tantas obras literárias se inserem em uma rede de dizeres que, através da ficção, exploram e ressignificam o medo da finitude. No caso de *Ideias para adiar o fim do mundo*, considerando a perspectiva enunciativa, o título é composto pelo sintagma “ideias” que pressupõem debate, sujeitos reunidos por uma causa maior, a saber, evitar o “fim do mundo”, pressuposto pelo sintagma “adiar”, o qual traz o efeito de sentido de “reconhecimento de uma crise iminente”, como pode ser percebido no título de sua capa:

Figura 1. SD1: *Ideias para adiar o fim do Mundo*



O nome do autor “Ailton Krenak”, logo abaixo do título, demarca a posição discursiva do livro como obra de resistência, reforçando o lugar de fala do sujeito pelo seu sobrenome “Krenak”, de origem indígena. Assim, o mencionado título parte do pressuposto de que o “fim do mundo” já está em curso. O mencionado título não enuncia um evento futuro, mas uma realidade presente. Para este sujeito, alocado na posição dos povos originários, a ideia de fim está associada às crises climáticas, sociais e ambientais e, sobretudo, à dissociação entre o homem e a natureza. Pensando as formações imaginárias, o referido enunciado-título projeta, a partir dos efeitos de criatividade e coletividade (ideias no plural), a imagem de que os povos indígenas têm a solução para a iminente catástrofe de uma escatologia positivista. O título conduz o leitor a perceber um fim do mundo não como algo transcendental, mas como consequência da perda de vínculo com a própria natureza.

Por meio do quadro pecheuxiano das formações imaginárias, considerando as relações de força (Pêcheux, 1997), o sujeito indígena é projetado como vítima das ações humanas que tornam o fim dos povos originários e do próprio planeta uma realidade iminente. Nesse imaginário, o sujeito indígena, em contato com os costumes urbanos e com as grandes corporações, pode perder sua identidade e se inserir na formação ideológica na qual existe uma “humanidade homogênea” (Krenak, 2019, p. 24) e, dessa maneira, a perda da identidade indígena é também “o fim de um mundo”. Nesse sentido, as formações imaginárias dos povos indígenas e as do processo de homogeneização se embatem, a primeira os coloca como vítimas de “um progresso desenfreado”, a última os posiciona como parte integrante do processo “civilizatório”.

Assim, no campo interdiscursivo, *Ideias para adiar o fim do mundo* se insere em uma rede de dizeres mais ampla, a saber, o discurso escatológico contemporâneo. Nessa rede interdiscursiva, há uma constante remissão a narrativas de destruição e renascimento, presentes também em mitologias antigas e textos religiosos (Araújo, 2023). Diante disso, as formações discursivas literárias permitem a experimentação de cenários extremos, funcionando como laboratórios de pensamento sobre a finitude e a resiliência humana. Títulos como *O fim do mundo*, de Upton Sinclair; *A peste*, de Albert Camus; *A estrada*, de Cormac McCarthy; *Até o fim do mundo*, de Tommy Wallach e tantos outros fazem parte dessa FD (Pêcheux, 1997), ou melhor, das redes de dizeres

históricas sobre o fim que retroalimentam o discurso escatológico e estabelecem seus sentidos.

Desse ponto, compreende-se que o intradiscursos, isto é, os dizeres da atualidade, ao serem constituídos por esses já-ditos, manifestam-se na construção de personagens complexos, na progressão narrativa que culmina em momentos de crise e na linguagem que evoca os efeitos de medo, de esperança ou de desesperança. Assim, essa formação discursiva, na qual os povos indígenas se apresentam como aqueles que têm a solução, contrasta com as condições de produção nas quais os próprios povos indígenas se filiam aos discursos homogeneizadores para defender o direito de explorar suas próprias terras em condições similares aos agricultores. Um exemplo dessa FD é a difusão midiática do direito ao progresso que teve maior capilaridade no governo Bolsonaro, culminando na PL 191/2020. De acordo com a proposta, o Projeto de Lei (Brasil, 2020):

Regulamenta o § 1º do art. 176 e o § 3º do art. 231 da Constituição para estabelecer as condições específicas para a realização da pesquisa e da lavra de recursos minerais e hidrocarbonetos e para o aproveitamento de recursos hídricos para geração de energia elétrica em terras indígenas e institui a indenização pela restrição do usufruto de terras indígenas (Brasil, 2020, s/p).

Na prática, o texto supracitado permite que o indígena detentor da terra, como área privada, possa usufruir de sua terra, inclusive vendê-la para empresas ou agropecuaristas que queiram explorar os recursos naturais alocados ali. Ao encontro do PL 191/2020, os dizeres midiáticos, a serviço “das vozes indígenas”, difundem essa vontade. A matéria da *Gazeta do Povo*, intitulada “Índios querem possuir terras e empreender. Mas a lei não deixa”, de 08 de fevereiro de 2020, concretiza a FD da homogeneização dos povos originários. Conforme a matéria “tudo o que os paresi³ querem é plantar soja em larga escala, como qualquer fazendeiro do Mato Grosso” (Cordeiro, 2020, s/p).

A partir desse batimento descritivo-interpretativo, observa-se tanto o funcionamento das formações imaginárias que a literatura de Ailton Krenak busca combater quanto o próprio funcionamento da obra que é, grosso modo, denunciar os discursos hegemônicos que contribuem para a homogeneização da identidade dos povos indígenas, projetadas pelo autor como “o fim do mundo”. Assim, na interseção do campo literário com o campo midiático, percebe-se a retroalimentação de ambas pela

³ Povo originário do Mato Grosso.

relação de sentido (Orlandi, 2015), isto é, o fato de um discurso apontar para o outro indefinidamente. De outro modo, *Ideias para adiar o fim do mundo* é publicado em 2019, o PL 191/2020, no ano seguinte, mais especificamente no dia 6 de fevereiro de 2020, e a referida notícia, publicada dois dias depois (8 de fevereiro de 2020) como uma resposta aos que desejavam que o PL 191/2020 fosse retirado.

Nesse sentido, afastando-se da ingenuidade da coincidência, compreende-se, assim como Soares (2025a, p. 158), “que o discurso necessariamente precisa ser confrontado com suas condições de produção, ou seja, a historicidade a partir da qual os sentidos acarretam efeitos”. De outro modo, *Ideias para adiar o fim do mundo* é uma resposta às condições de produção nas quais os direitos dos povos indígenas estavam sendo retirados mediante a gestão presidencial de Jair Messias Bolsonaro (2018/2022), com o pretexto de “promover direitos iguais aos povos indígenas”. A obra literária, portanto, se constrói a partir do discurso antagônico e ressignifica o sintagma “fim do mundo” como o apagamento da identidade indígena e o distanciamento entre homem e natureza. Após o exame de uma fração das redes de dizeres literários sobre o fim, passa-se a analisar esse mesmo discurso no campo midiático. No entanto, cabe ressaltar que na SD 2, esses efeitos de sentido se entrecruzam com outro também arquipotente, a saber, o discurso científico.

Figura 2. SD 2: Cientistas devem acertar “Relógio do Apocalipse” na sexta-feira
O relógio é uma contagem regressiva simbólica para uma possível catástrofe mundial.



Fonte: <https://www.exame.com>

A partir do enunciado-título “Cientistas devem acertar ‘Relógio do Apocalipse’ na sexta-feira” e do seu subtítulo “O relógio é uma contagem regressiva simbólica para uma possível catástrofe mundial”, o enunciador *Exame* procura chamar a atenção do seu leitor para uma informação, engendrando efeitos de sentidos científico e de urgência nesta, com os sintagmas “Cientistas” e “na sexta-feira” respectivamente. O primeiro sintagma marca o sujeito da ação, o qual irá “acertar” não qualquer relógio, mas o “Relógio do Apocalipse” cujo sentido associado ao campo religioso, “revelação”, “juízo final”, é deslocado para “fim do mundo”, sem necessariamente marcar o retorno de um salvador, como na escatologia cristã. Em relação a esse relógio que anuncia o fim iminente, o supramencionado subtítulo funciona como enunciado-aposto, o qual garante ao leitor da revista *Exame* a explicação da funcionalidade do relógio, a saber, “contar regressivamente uma possível catástrofe mundial”.

Por meio dessa descrição enunciativa, é possível perceber que a materialidade discursiva, configurada majoritariamente pelos efeitos de sentido científicos, entrelaça-se ao discurso escatológico contemporâneo, no qual o enunciador do fim dos tempos deixa de ser um profeta e a enunciação sobre o fim perde o sentido de profecia, passando à conotação de “probabilidade”, ou melhor, de uma previsão científica. Essa previsão, baseada em fatores empíricos, é projetada por dispositivos de poder (Soares, 2025a) que controlam a disseminação de informações. No caso da matéria publicada pela *Exame*, a instituição que enuncia a probabilidade de o fim do mundo estar mais próximo é o “Boletim dos Cientistas Atômicos”, uma organização sem fins lucrativos associada à Universidade de Chicago, Illinois, nos Estados Unidos.

Diante dessa perspectiva, no movimento de rastreio da interdiscursividade, pode-se dizer que o discurso midiático da revista eletrônica *Exame* representa uma das várias ramificações da FD escatológica na contemporaneidade. Dada FD permite e estabelece “o dizível” (Soares, 2019, p. 47), produzindo o efeito de verdade que ecoa na historicidade; como uma FD que impõe coerções e limitações ao discurso escatológico na atualidade. Assim, a formação imaginária que projeta o fim, engendrada no enunciado da revista eletrônica *Exame*, não se relaciona com a ideia do divino, mas em sua reorganização discursiva mantém a “estrutura profética” a partir de probabilidades enquanto substitui seus agentes, como Deus, demônios, redenção, pelos riscos materiais como mísseis nucleares, colapso ecológico e Inteligência Artificial descontrolada. Diante desse sentido imanente do fim, é possível perceber que o enunciado “Boletim de

Cientistas Atômicos (BAS)” atua como instância de legitimação discursiva na qual as formações imaginárias sobre o fim são validadas por especialistas e não por profetas.

Ademais, no acontecimento discursivizado pela revista eletrônica *Exame*, marcado por especialistas que regulam o “Relógio do Juízo Final”, tanto o sujeito (cientista) quanto o aparelho que marca a cronologia do fim apresentam-se nas relações de força (Pêcheux, 1997) como instituições-sujeitos que regulam a estrutura macrodinâmica do enunciado, ou seja, as condições históricas, políticas e epistemológicas que tornam possível sua emergência (Soares, 2025a). Nesse sentido, as formações imaginárias projetam o “Relógio do Apocalipse” como a materialização e a associação entre o discurso científico e práticas não-discursivas, a saber, políticas de armas nucleares, acordos climáticos e ética no processo de produção tecnológica.

Ao analisar não só a interdiscursividade, mas também as formações imaginárias que projetam a ideia do fim na contemporaneidade, é possível observar que os dizeres midiáticos sobre o fim demonstram como a temática é constantemente atualizada e ressignificada no cotidiano. Artigos de sites como a BBC, que questionam “O que pode provocar o fim do mundo como conhecemos?” (Beard; Holt, 2025), “Por que Relógio do Juízo Final está mais perto da hora da destruição do que nunca” (BBC News Brasil, 2025), e notícias como a da revista eletrônica *Exame* (que resgatam previsões históricas como a de Isaac Newton) revelam a busca por explicações e a atribuição de autoridade (científica, histórica) à ideia do fim.

O “Relógio do Apocalipse”, que atinge o “pior nível da história”, é uma materialidade discursiva arquipotente. Ele transforma uma ameaça abstrata (guerra nuclear, mudanças climáticas) em uma contagem regressiva visual, gerando sentidos de urgência e perigo iminente. Na ramificação das formações discursivas sobre o fim, a mídia também se apropria do tema através de “*fact-checks*” sobre alegações virais, como a venda de comida para calamidades nos EUA em 2024 e a previsão de um especialista de Harvard sobre o fim do mundo em 2026.

Essas materialidades midiáticas evidenciam como o discurso sobre o fim é constantemente negociado entre a verdade e a especulação, o alarmismo e a desmistificação. As formações discursivas midiáticas, com sua busca por relevância e impacto (Soares, 2022), exploram frequentemente o medo e a curiosidade do público. O intradiscurso se manifesta na estrutura das manchetes sensacionalistas, na apresentação de dados e “provas” (mesmo que parciais) e na constante atualização de “novas”

ameaças, como guerras no Oriente Médio, a tensão entre China e EUA, e Rússia contra Europa.

Ao acessar o interdiscurso, sobretudo as memórias da humanidade, percebe-se que os mitos “guiavam”, ou melhor, estabeleciam relações de poder por meio das narrativas (Araújo, 2023), as quais constituíam as formações imaginárias da sociedade sobre o fim. A sociedade clássica, por exemplo, em dado momento histórico, era fomentada por variadas obras míticas, como Mito das Idades de Hesíodo, descrito no poema *Os Trabalhos e os Dias*. Tal mito se apresentava como uma das narrativas mais importantes da mitologia grega sobre a história da humanidade (Araújo, 2023). Consiste em uma teoria cíclica do tempo que “trata da degeneração progressiva da humanidade ao longo das cinco idades” (Araújo, 2023, p. 51). A história mostra um declínio gradual, no qual cada idade é pior do que a anterior, refletindo a visão pessimista de Hesíodo sobre o seu próprio tempo. Por seu turno, o “Relógio do Apocalipse”, metaforicamente, atualiza o Mito das Idades de Hesíodo, contabilizando a degradação das relações humanas, porquanto aponta uma degeneração progressiva entre as nações e, ao fazê-lo, atua como um alerta para o fim do mundo, servindo como regulador das ações humanas.

3. Considerações finais

O discurso sobre o fim, analisado nas redes de dizeres literários e midiáticos, revela-se não como uma mera especulação sobre o futuro, mas como uma complexa e dinâmica construção simbólica. As formações imaginárias em torno do apocalipse, da catástrofe e da finitude funcionam como potentes dispositivos discursivos que dão sentido ao presente e projetam futuros possíveis, muitas vezes permeados por medos e esperanças. Com base na análise das mencionadas materialidades discursivas, percebe-se um entrelaçamento complexo das formações imaginárias sobre o fim, que se manifestam de maneira distinta e, ao mesmo tempo, complementar nos campos literário e midiático. Enquanto a obra de Ailton Krenak, em sua FD literária, ressignifica o fim do mundo como o apagamento da identidade indígena e a desconexão com a natureza, sua formação imaginária projeta os povos originários como detentores da solução para a crise, apagando, pelo menos em parte, a participação dos povos indígenas na busca por “direitos iguais” e, por consequência, acelerando o processo de “homogeneização da humanidade”.

Em contrapartida, a materialidade discursiva midiática, exemplificada pela matéria da revista *Exame*, apropria-se da estrutura profética e a desloca para o campo científico. Nessas condições de emergência, o juízo final é secularizado, substituindo profetas por cientistas e a redenção por uma contagem regressiva baseada em riscos materiais, como armas nucleares. A interseção entre essas formações discursivas demarca um embate entre o discurso de resistência, que denuncia a homogeneização, e o discurso hegemônico que busca legitimar a exploração, demonstrando como as noções do fim são historicamente construídas e constantemente retroalimentadas.

Diante dessas observações, compreende-se que a persistência e a onipresença da temática do “fim” em diferentes mídias e épocas, evidenciadas pelos diversos títulos e notícias exploradas, corroboram a premissa de que o fim não se esgota em si, mas se desdobra em construções simbólicas, futuros possíveis e um fim não linear a partir do medo iminente do fim. A Análise do Discurso, ao focar nas formações imaginárias, nas formações discursivas e nas relações interdiscursivas e intradiscursivas, permite compreender que a “verdade” sobre o fim não é uma verdade factual ou empírica, mas efeitos de verdade, discursivamente construídos. Essa construção se perpetua através da incessante remissão a dizeres anteriores e da organização interna dos enunciados que moldam e ressignificam a percepção da finitude.

Portanto, pode-se dizer que o objetivo delineado para esse artigo foi alcançado, porquanto, ao demonstrar que a noção de fim não é um conceito estático, mas um discurso que se manifesta de forma distinta e, por vezes, contraditória, em diferentes esferas discursivas, como a literatura e o jornalismo, este estudo contribui para o campo da Linguística ao demonstrar como a Análise do Discurso pode ser uma ferramenta arquipotente para examinar as complexas construções simbólicas em torno do “fim”. Por fim, ao analisar o entrelaçamento entre discursos de resistência e hegemônicos, o trabalho oferece novas perspectivas sobre como as formações imaginárias e as formações discursivas operam para moldar nossa percepção do presente e projetar futuros.

Referências

ARAÚJO, Alberto Filipe; ALMEIDA, Rogério de; BECCARI, Marcos (Orgs.). O mito do Fim do Mundo: Imaginário & Educação. – São Paulo: FEUSP, 2023. Disponível em:

<https://www.livrosabertos.abcd.usp.br/portaldelivrosUSP/catalog/view/1098/1003/3712>. Acesso em 21 ago. 2025.

ARAÚJO, Alberto Filipe. Fim do Mundo ou Fim de um Mundo?: contributos para uma mitanálise de uma pandemia em Tempos Sombrios, de Lutos e de Silêncios Ensurdecedores. In: ARAÚJO, Alberto Filipe; ALMEIDA, Rogério de; BECCARI, Marcos (Orgs.). **O mito do Fim do Mundo: Imaginário & Educação**. — São Paulo: FEUSP, 2023. Disponível em: <https://www.livrosabertos.abcd.usp.br/portaldelivrosUSP/catalog/view/1098/1003/3712>. Acesso em 21 ago. 2025.

BBC NEWS. Por que Relógio do Juízo Final está mais perto da hora da destruição do que nunca. **BBC News Brasil**, 2025. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/cr7em34d4n4o#:~:text=O%20Rel%C3%B3gio%20do%20Ju%C3%ADzo%20Final,mais%20pr%C3%B3ximo%20que%20j%C3%A1%20esteve>. Acesso em: 10 jun. 2025.

BEARD, Simon; HOLT, Lauren. O que pode provocar o fim do mundo como conhecemos? **BBC News Brasil**. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-47331475>. Acesso em: 12 ago. 2025.

BOUCHER, Damião Francisco; SOARES, Thiago Barbosa. Postulações e fake news: os efeitos de “verdade” nos discursos midiáticos. **Gestadi**, 2023. p.1-21. Disponível em: <http://www.gestadi.periodikos.com.br/journal/gestadi/article/doi/10.5281/zenodo.8215585>. Acesso em 21 ago. 2025.

BRASIL. Projeto de Lei nº 191, de 2020. Regulamenta o § 1º do art. 176 e o § 3º do art. 231 da Constituição para estabelecer as condições específicas para a realização da pesquisa e da lavra de recursos minerais e hidrocarbonetos e para o aproveitamento de recursos hídricos para geração de energia elétrica em terras indígenas e institui a indenização pela restrição do usufruto de terras indígenas. Autor: Poder executivo. **Câmara dos Deputados**, 2020. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=2236765>. Acesso em: 27 ago. 2025.

CORDEIRO, Tiago. Índios querem possuir terras e empreender. Mas a lei não deixa. **Gazeta do Povo**, Curitiba, 27 out. 2024. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/indios-querem-possuir-terras-e-empreender-mas-a-lei-nao-deixa/>. Acesso em: 28 ago. 2025.

COURTINE, Jean-Jacques. **A análise do discurso político: o discurso comunista endereçado aos cristãos**. São Carlos, SP: EDUFSCar, 2022.

EXAME. Cientistas devem acertar “Relógio do Apocalipse” na sexta-feira: o relógio é uma contagem regressiva simbólica para uma possível catástrofe mundial. **Exame**, 2015. Disponível em: https://classic.exame.com/tecnologia/cientistas-devem-acertar-relogio-do-apocalipse-na-sexta-feira/?utm_source=copiaecola&utm_medium=compartilhamento. Acesso em 27 ago. 2025.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Análise de Discurso: princípios e procedimentos**. 12^a ed. Campinas, SP: Pontes Editora, 2015.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Tradução de Eni Puccinelli Orlandi. Campinas: Editora da Unicamp, 1997.

PÊCHEUX, Michel; FUCHS, Catherine. A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas (1975). In: GADET, Françoise; HAK, Tony (Org.). **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. 3. ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1997. p. 163-252.

SOARES, Thiago Barbosa. **Percorso linguístico: Conceitos, críticas e apontamentos**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2018a.

SOARES, Thiago Barbosa. Sucesso: discurso contemporâneos de capitalização dos sujeitos. In: SOARES, Thiago Barbosa (orgs.) **Múltiplas perspectivas em análise do discurso: objetos variados**. São Carlos, SP: Pedro & João Editores, 2018b.

SOARES, Thiago Barbosa. Formação discursiva: uma noção com dois fundadores. In: PESSOA, Osalda Maria (org). **Leitura, discurso e produção dos sentidos: múltiplas abordagens**. Jundiaí, SP: Paco Editorial, 2019. p. 37-51

SOARES, Thiago Barbosa. **Percorso Discursivo: heterogeneidades epistemológicas aplicadas**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2022.

SOARES, Thiago Barbosa. **Arquiteturas do Sentido: linguagem, história e simbolismo**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2025a.

SOARES, Thiago Barbosa. **Arqueogenealogias do discurso do Norte: sentidos e sujeitos tocantinenses**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2025b.

SOARES, Thiago Barbosa. **Entre o dito e o não-dito: o Tocantins nas tramas do discurso**. Colaborador: Damião Francisco Boucher. Campinas, SP: Pontes Editores, 2025c.